

### **Ciências e humanidades não são inimigas**

O abismo de incompreensão que, muitas vezes, separa as ciências e as humanidades, foi já analisado na clássica conferência de C.P. Snow sobre “As duas culturas”. O debate continua, como o prova o que suscitou um artigo do psicólogo evolucionista Steven Pinker publicado na revista “The New Republic” (6.8.2013), intitulado “A ciência não é o seu inimigo” (“Science is not your enemy. An impassioned plea to neglected novelists, embattled professors, and tenureless historians”), ao qual respondeu Leon Wieseltier, escritor e editor literário, também na “The New Republic” (3.9.2013), no artigo “Crimes contra as humanidades” (“Crimes against humanities. Now science wants to invade the liberal arts. Don’t let it happen”). Oferecemos um resumo da polémica.

Steven Pinker pretendia mostrar a utilidade da ciência e defendê-la do que considerava a má vontade dos humanistas. Para Pinker, hoje a ciência encontra-se assediada e atacada tanto pelos crentes como pelos humanistas que, em vez de se alegrarem pelo que nos proporciona o progresso científico, sublinham a incompetência dos cientistas no que definem como os assuntos mais importantes: o sentido da vida ou os valores que devem guiar o homem. Esta corrente hostil à ciência fala de “cientificismo” para a desacreditar, sem ter em conta que a ciência “se torna indispensável em todos os âmbitos humanos, incluindo a política, a arte e a moral”.

#### **O “cientificismo bom”**

Poderia empregar-se o termo, todavia, sem conotações pejorativas. Pinker explica que “no bom sentido da palavra, cientificismo não é a crença dos membros de um determinado grupo profissional serem particularmente sábios ou bons. Pelo contrário, as práticas que definem a ciência, como o debate aberto, a revisão pelos pares ou o método de dupla revisão cega, foram concebidas expressamente para evitar os erros e pecados aos quais, os cientistas, como seres humanos, são vulneráveis”.

O cientificismo “bom” diferenciar-se-ia, deste modo, por duas características: a sua crença na inteligibilidade do mundo e o seu compromisso com a difícil tarefa de adquirir e aumentar o conhecimento. Estes dois valores não podem ser “suspeitos” nem resultado de preconceitos, e nada seria mais louvável do que impulsionar a sua difusão igualmente no âmbito das humanidades.

A inteligibilidade, que consiste na possibilidade de explicar de um modo racional os fenómenos, é algo mais do que uma mera crença, afirma Pinker, pois está demonstrado que cada vez sabe-mos mais coisas sobre como funciona o mundo. Mas aumentar o saber exige esforço, dedicação e, sobretudo, superar a tendência humana para enganar. Daí que o ceticismo e a dúvida, a possibilidade de debater, a precisão e a verificação sejam práticas sem as quais não é possível produzir saber científico.

#### **A ciência, salvadora das humanidades**

As humanidades têm uma cegueira “anticientífica” que, para Pinker, é prejudicial, pois as impede de se aperceber de tudo o que as ciências lhes podem proporcionar. A influência das ciências permitirá que as humanidades se separem da irracionalidade das respostas religiosas – às quais infelizmente, diz Pinker, são tão afins – e poderão contar com maior conhecimento para responder “às mais profundas perguntas sobre quem somos, de onde vimos”.

As duas irão configurar a visão séria e profunda do mundo, própria de uma pessoa culta e politicamente progressista. Ciências e humanidades, portanto, devem trabalhar juntas para superar o que seja estranho à compreensão científica; nomeadamente, Pinker refere-se, novamente, à necessidade de superar o “obscurantismo religioso”.

Em resumo, estamos perante humanidades que se encontram em crise e “necessitadas de novas ideias” e estímulos, podendo contar na ciência com uma tábua de salvação da qual não podem prescindir. Um novo quadro de relações, mais integrado, como o que propõe Pinker, superaria a dualidade tradicional entre estes dois ramos do conhecimento e, sobretudo, “iria oferecer às humanidades inumeráveis

possibilidades para a inovação”, como já sucedeu com a arqueologia, que aplica tecnologias modernas, ou a linguística, que beneficiou com a influência das ciências cognitivas e das neurociências.

## Defesa da ciência ou simplismo?

Na sua resposta, Leon Wieseltier salienta a busca de princípios em que incorre qualquer proposta científicista: “A pergunta pelo lugar da ciência no conhecimento, na sociedade e na vida, não é uma questão científica. A ciência não tem autoridade, nenhuma autoridade, para tentar responder a questões não científicas”, pelo que aplicar critérios científicos para lá do próprio âmbito da ciência, não é, na sua opinião, legítimo.

Para Wieseltier, a simpatia de Pinker pelas humanidades é apenas aparente: no seu texto termina por lhes reservar o papel de escravas. Esta primazia da ciência – e a perda de autonomia dos estudos humanísticos – “torna-se evidente na sua proposta de solução para a crise das humanidades; ao propor ‘uma injeção de novas ideias’, refere-se à difusão de ideias científicas”.

“Pinker”, explica Wieseltier, “utiliza uma ampla variedade de pensadores e disciplinas científicas e humanísticas, e dá a impressão de ser um homem tolerante e culto, como sem dúvida o é. No entanto, a diversidade da sua análise fica-se pela superfície. O seu suposto interesse por muitas coisas é, ao fim e ao cabo, um interesse por uma só (...) O seu ensaio, uma defesa do científicismo, é uma longa tentativa de assimilar as investigações humanísticas às científicas”.

Segundo Wieseltier, no texto de Pinker percebe-se essa tendência “totalizadora” própria do reducionismo científicista: a sua pretensão de transferir discursos não científicos para o âmbito da ciência e de os assimilar. O científicismo, neste ponto de vista, apropria-se de todo o avanço no saber, de todas as realizações, e, inclusivamente, da categoria de inteligibilidade ou do conceito de razão.

Todavia, “a razão é maior do que a ciência”. “A razão não é científica; a ciência é racional”, mas não esgota o campo da racionalidade, porque “a filosofia e a literatura, a história e os estudos críticos também utilizam a dúvida, o debate aberto, a precisão formal (mesmo que não matemática) e até, às vezes, as evidências empíricas” e, portanto, são, com justiça, âmbitos igualmente racionais.

## O empírico não é tudo

Em face do olhar totalizador do científicismo, Wieseltier acha que é necessário restaurar a diferenciação entre ciências e humanidades. São diferentes, porque os seus objetos também

o são. E o modo diverso que oferecem de aceder ao mundo respeita a rica diversidade desse mundo e a pluralidade da experiência humana, protegendo-as. Isso não significa que o diálogo – e até, por vezes, a aliança – entre elas seja impossível, porque as fronteiras de disciplina são porosas. Mas assimilá-las iria empobrecer a nossa experiência do mundo.

As diferenças entre ciências e humanidades saltam à vista. A ciência limita-se ao empírico, e isto explica que, nelas, avançar pressuponha invalidar explicações anteriores. Desse modo, a história da ciência segue um padrão mais ou menos linear, progressivo e acumulativo. Não acontece o mesmo no caso das humanidades: as tradições culturais referem-se a valores e superam, portanto, a perspetiva factual.

Em rigor, nas humanidades não se pode falar de progresso nesse sentido. “Será que a beleza da arte antiga é anulada pelas ideias cosmológicas falsas que a inspiraram?”, interroga-se e pergunta Wieseltier. “A obsolescência factual não significa obsolescência filosófica, moral ou espiritual”. No entanto, embora as humanidades atuem no âmbito das tradições, nelas o passado não oprime o presente nem obriga a que sejam ideologicamente conservadoras; o passado atua no presente de forma livre e não coerciva, como um recurso para orientar ou iluminar a nossa situação contemporânea.

## O espírito antirreligioso do científicismo

Juntamente com estas discrepâncias, há mais uma, relativa à religião. No seu texto, Pinker não oculta os seus preconceitos e, frequentemente, equipara as crenças religiosas ao obscurantismo. Chega mesmo a dizer que grande parte da situação desastrosa das humanidades se deve à perniciosa influência que a religião teve nelas.

Segundo Wieseltier, é comum que os representantes do científicismo se mostrem hostis à religião. E em vez de usarem a razão para compreender o fenómeno religioso – em vez, portanto, de procurarem a sua inteligibilidade –, contentam-se com frequência em mostrar os exemplos mais ridículos e as superstições mais absurdas do sobrenatural.

“Demasiados defensores da ciência, assim como os escandalosos ‘novos ateus’, pensam poder refutar a religião assinalando as suas mais ridículas manifestações. Mas as pessoas crentes, ou a maioria delas, não são idiotas. Sempre usaram várias fontes de conhecimento. Eles pensam sobre argumentos filosóficos e linguagem figurativa. O pensamento religioso moderno e medieval baseou-se muito na ciência da sua época. As correntes racionalistas proliferaram ao lado do irracionalismo”.

Enquanto que Pinker defende que ciência e religião são irreconciliáveis, pois na sua opinião, “a atitude científica implica reconhecer que as proposições empíricas exigem verificação empírica”, Wieseltier, mais aberto, acha que uma mentalidade menos científica, mas com uma conceção mais ampla do

racional, “reconheceria que a fé religiosa não é somente um conjunto de proposições empíricas”, sem ter de renunciar às suas contribuições.

No texto que encerra este confronto intelectual, Wieseltier tenta estabelecer um terreno comum onde conciliar a sua posição com a de Pinker. Para lá de quem sejam os inimigos do cientificismo ou das humanidades, o certo é que as ciências e as humanidades têm de fazer uma frente comum para combater a falta de cultura e de altura intelectual que tantas vezes é como que uma praga nos meios de comunicação social e no debate público.

(Fonte: “The New Republic”)

## **As humanidades perdem alunos na universidade**

Os estudos humanísticos nas universidades têm falta de alunos e de financiamento. Nos Estados Unidos, por exemplo, os cursos de humanidades representam agora 7% do corpo de alunos, metade que em 1970. Na Universidade de Standford, que conta com 11 departamentos de humanidades, somente 15% dos alunos estão inscritos em programas de letras; Harvard reduziu em 20% os cursos relacionados com as humanidades na última década.

Nas universidades de maior prestígio, contudo, os estudos humanísticos mantêm-se, segundo indica o “The New York Times” (30.10.2013), e estão a fazer-se esforços por promovê-los. Tanto Princeton como Standford arrancaram recentemente com programas de humanidades dirigidos a estudantes do ensino secundário; com isso, querem promover este tipo de cursos.

Ora, o que se podem permitir as universidades de elite não podem outras com menos rendimentos, e que têm problemas de financiamento mais acentuados pela crise. É o que acontece nalgumas instituições universitárias públicas dos Estados Unidos que, perante a falta de alunos, se viram obrigadas a deixar de oferecer cursos humanísticos. No início deste ano letivo, a Universidade de Edinboro (Pensilvânia) anunciou que ia retirar alguns cursos, como filosofia.

Há alguns meses, a Academia Americana das Artes e das Ciências elaborou um relatório onde se constatava uma descida no dinheiro destinado às humanidades, em contraste com o dirigido para financiar estudos científicos ou tecnológicos. Segundo John Tresch, da Universidade da Pensilvânia, as universidades centram as suas políticas na promoção dos estudos STEM (ciência, tecnologia, engenharia

e matemática), porque nestes campos podem optar por financiamento público, descuidando, todavia, outras áreas de conhecimento, menos interessantes para as ajudas.

Mas porque são menos os estudantes que escolhem estudos humanísticos nas últimas décadas? Alguns acham que a resposta está relacionada com mudanças mais profundas que afetam a identidade da própria universidade, pois os estudos valorizam-se em função do futuro laboral ou da sua aplicabilidade técnica.

Pauline Yu, presidente do American Council of Learned Societies, salienta que a universidade é vista agora como um sítio de preparação laboral e não tanto como uma instituição concebida para a educação da pessoa num sentido mais amplo. Sob este ponto de vista, é lógico que os alunos, preocupados com o seu futuro, não se vejam atraídos por estudos que não oferecem elevadas perspetivas laborais. Pela mesma razão diminuiu também, em diversos países, o número de estudantes de disciplinas científicas não aplicadas, como a matemática.

No entanto, também no âmbito laboral, as aptidões que se desenvolvem com os estudos humanísticos são atrativas. Isto explica que, embora seja verdade que os estudantes de letras têm maiores dificuldades para encontrar um primeiro emprego, a longo prazo, o mercado de trabalho valoriza as suas capacidades específicas, como pensamento crítico, atenção aos valores, capacidade de resolver conflitos, etc., tão importantes para todos os setores.

## **Práticas que retiram credibilidade à ciência**

O semanário “The Economist” (19.10.2013), no artigo “How science goes wrong”, referiu-se a alguns dos problemas que se colocam no âmbito científico e que retiram infelizmente credibilidade às publicações. Há muitos exemplos, como o último, promovido pela “Science” (4.10.2013) e referido no artigo dessa revista “Who’s afraid of peer review”, que sublinham os erros da revisão crítica dos manuscritos, de modo que aumentou o número de artigos errados ou falsos.

Contudo, mais prejudiciais são outras práticas, porque colocam em questão a capacidade “autocorretora” da comunidade científica atual. Neste sentido, a “The Economist” alude a dois fenómenos. Por um lado, as publicações científicas estão a interessar-se apenas por experiências ou testes que revelem resultados positivos. De facto, hoje a percentagem de trabalhos com resultados negativos que se publicam, situa-se abaixo de 14%, contra os 30% do começo dos anos 90. Sabe-se, todavia que, em termos científicos, a “refutação” de hipóteses não é menos valiosa do que a verificação.

Por outro lado, relacionado com o fenómeno anterior, tem vindo a diminuir a prática da “replicação” – a repetição dos testes ou ensaios por parte de outros cientistas –, uma parte importante da metodologia científica que serve para detetar erros, rejeitar hipóteses ou consolidar determinadas teorias.

A Amgen, uma empresa farmacêutica dos EUA, efetuou uma réplica de 53 estudos considerados centrais na investigação médica contra o cancro. Para isso, procurou, até, a colaboração de alguns dos investigadores que fizeram pela primeira vez os estudos. Só em 6 deles chegaram aos mesmos resultados.

Mais mediática foi a refutação feita por Thomas Herndon, da teoria do crescimento em situações de dívida, da autoria de Reinhart e Rogoff. Herndon, um estudante de doutoramento do MIT, chamou a atenção para os dois professores de Harvard, ao provar que havia numerosos erros no tratamento dos dados que sustentavam a teoria desses professores.